



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS - FATECS

Ana Luíza Mendes Reis

**MULHERES NOS QUADRINHOS:
CONTRASTES ENTRE DÉCADAS E DISCURSOS**

Brasília
2016

Ana Luíza Mendes Reis

**MULHERES NOS QUADRINHOS:
CONTRASTES ENTRE DÉCADAS E DISCURSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.
Tecnologia Aplicadas do UniCEUB - FATECS.
Orientado pela Profª Cláudia Busato

Brasília

2016

ANA LUÍZA MENDES REIS

**MULHERES NOS QUADRINHOS:
CONTRASTES ENTRE ÉPOCAS E DISCURSOS**

**Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Jornalismo do Centro Universitário de
Brasília – UniCEUB.
Orientadora: Cláudia Busato**

Brasília, 24 de junho de 2016

Banca examinadora

**Professora Cláudia Busato
Orientadora**

**Professora Sandra da Silva
Examinadora**

**Professora Úrsula Diesel
Examinadora**

Dedico este trabalho inicialmente à minha família, pai, mãe, irmãos e avós que confiam em mim e apoiam as minhas decisões, mesmo que sejam diferentes do que eles esperavam que eu seguisse. A todas as mulheres que me ensinam e encorajam ao longo da minha formação acadêmica e aos homens que respeitam e valorizam a nós, mulheres. Enfim, aos amigos e colegas que colaboram desde o início das minhas escolhas profissionais, dando forças para não desistir desses sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, minha mãe Ivana e meu pai Ricardo, por toda a disposição subjetiva e financeira durante toda a minha construção acadêmica. Por apoiarem minhas escolhas, acreditarem no meu trabalho e pelo incentivo nos momentos de maior necessidade. O café e carinho da minha mãe para me manter alerta durante os meus estudos. Por todos os auxílios e ouvidos do meu pai na parte técnica da pesquisa que se adaptaram e foram fiéis à expressão da minha identidade no trabalho.

Agradeço aos meus irmãos. Talitha por incentivar os meus estudos, pelas caronas até a faculdade e pelas conversas durante nossos passeios que me inspiraram a trabalhar e observar alguns comportamentos durante minha rotina. Gabriel, pelo ótimo gosto musical no quarto ao lado do nosso computador, pelas risadas e pelas amoras colhidas próximas à nossa casa que adocicaram meus pensamentos e preservaram a minha calma enquanto eu escrevia.

Agradeço aos meus avós seu Dércio, dona Landa e dona Ephigênia pelas ligações, visitas e por compartilhar toda a sua sabedoria e amor com os seus netos e netas. Pela deliciosa comida caseira e goiana da minha vó materna e pelo investimento do meu avô no meu primeiro notebook e minha primeira mochila. Pelas noites de filmes, suspiros, chocolates e paciência da vó paterna.

Agradeço a meus amigos e artistas, que me apoiaram sempre que possível e não desistiram de mim no momento em que eu mais precisei, tanto por meio de conversas pelo telefone, quanto pessoalmente. Vocês reergueram minha confiança e fizeram com que eu acreditasse mais no meu potencial.

Agradeço à minha querida professora e orientadora, Claudia Busato, que eu tive a honra de conhecer nesse último semestre e me auxiliou ao longo de todo o processo de conclusão do meu trabalho. Obrigada pela dedicação e por ser firme em cada etapa da construção desse estudo e pelo apoio e confiança na minha capacidade de concluir este curso.

RESUMO

O presente estudo é o Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, que tem como tema “MULHERES NOS QUADRINHOS: CONTRASTES ENTRE DÉCADAS E DISCURSOS”. Seu objetivo é entender a evolução do feminismo na história e suas importantes conquistas através de movimentos feministas pelo mundo e no Brasil até os dias atuais e como se dá o uso da comunicação contemporânea diante desses movimentos. Além disso, também são mostrados os fundamentos acerca das estratégias discursivas para o feminismo na produção de charges e cartuns sobre esse assunto nos diferentes meios midiáticos, com destaque para jornal impresso de época “O Pasquim” e o projeto fundado na plataforma online “Mulheres nos Quadrinhos” e em redes sociais, como é o caso do Facebook. O conhecimento teórico estuda o aprofundamento dos conceitos de análise de discurso, relação entre sujeito, linguagem e história, funcionamento da linguagem nas charges e ainda sobre os sentidos dos discursos inseridos nas charges. Ao final do trabalho são analisados charges e cartuns compostos por quadrinhos de Ziraldo, Renato Lima, Laura Athayde, Leticia Putsi, Carol Rosseti e Ana Terra; selecionados para melhor exemplificar as técnicas de linguagem e a trajetória do feminino, comentadas nos capítulos anteriores. O dispositivo analítico para observação e leitura de cada uma das ilustrações será o da Análise de Discurso (francesa).

Palavras-chave: Feminismo. História. Análise de Discurso. Sujeito. Ideologia. Linguagem. Produção de Sentidos. Humor. Charge. Quadrinhos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO FEMININO	10
1.1 A representação do feminismo no Brasil.....	13
2 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS PARA O FEMINISMO	17
2.1 Relação entre sujeito, linguagem e história.....	18
2.2 Relação entre sentido e silêncio.....	19
2.3 Métodos de análise.....	20
2.4 Interpretações de discursos e ideologias.....	21
2.5 Funcionamento da linguagem nas charges e cartuns.....	22
3 OS SENTIDOS DO DISCURSO EM CADA CHARGE	23
4 ANALISANDO CADA QUADRINHO	27
4.1 Charges de Ziraldo.....	27
4.2 Charge de Renato Lima (Pockets Comix).....	34
4.3 Cartum de Carol Rosseti.....	35
4.4 Cartum de Leticia Putsi (Another Art Book).....	36
4.5 Charge de Laura Athayde (Boobie Trap).....	37
4.6 Cartum de Laura Athayde (Mandíbula).....	38
4.7 Charge de Ana Terra (Extraterrestre).....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Este estudo de conclusão de curso tem o tema “Mulheres nos Quadrinhos: Contrastes entre épocas e discursos”, utilizando as charges e os cartuns como objetos de análise, observando os diferentes tipos de linguagem trabalhados de acordo com cada artista e época em que o universo feminino é retratado. A decisão de trabalhar com esse tema se mobilizou a partir do interesse em aprofundar o conhecimento sobre a história da mulher e do feminismo e também como o comportamento feminino é publicado nas diferentes plataformas midiáticas.

No decorrer dos anos, os meios de comunicação se multiplicaram de forma exponencial ampliando o espaço para opiniões políticas e sociais. A comunicação moderna tornou-se uma importante arma de defesa para reconhecimento dos movimentos feministas e pelos direitos das mulheres. Algumas barreiras mais características dos gêneros que antes eram timidamente combatidas passam a ser derrubadas em várias culturas, de forma mais eficaz, a partir da primeira metade do século XX.

Os diversos tipos de linguagem, tais como charges e cartuns, trouxeram novas possibilidades visuais em áreas antes imaginadas e atualmente exploradas. Portanto, este modo autêntico de comunicação permite que novos artistas manifestem suas ideias além do papel através de seus traços característicos.

O objetivo geral deste trabalho é compreender as relações de sentidos sobre o repertório comportamental expresso nas charges em relação ao feminino e quais os interesses estão escondidos por trás de cada sujeito, ideologias e sentidos em tensão. E os objetivos específicos são a apresentação de charges e cartuns especialmente selecionados para que a explicação desse assunto seja a mais elucidativa possível em relação ao objeto em estudo, a pesquisa histórica em relação ao feminismo.

O Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo fala sobre a construção social do feminino pelo mundo e no Brasil a partir do período da Revolução Francesa. Aborda a parte histórica conceitual e fala dos movimentos feministas mundiais por direitos políticos de voto, pelos direitos sociais por melhores condições de trabalho e a luta contra a violência.

O segundo capítulo trata da metodologia discursiva nas estratégias de análise de discurso para melhor compreensão dos significados da relação entre

sujeito, linguagem e história, além do significado do silêncio nos diferentes tipos do dizer. Ademais, apresenta teorias de interpretação dos discursos e ideologias, também sobre funcionamento da linguagem nas charges e cartuns.

O terceiro capítulo descreve os sentidos do discurso realizado por meio de textos e imagens nos quadrinhos que possuem poder de convencimento e mobilização, individualmente ou em grupos distintos. A virtualização retrata um acontecimento e potencializa a transição da atualidade em questão.

O quarto capítulo aborda os diferentes sentidos dos discursos cômicos utilizados para estereotipar ou quebrar os tabus da figura feminina na luta pela construção de papéis de gênero, demonstrando tanto evoluções, como voltas ao passado. Apresenta a análise teórica que se embasa em livros e artigos dos autores selecionados e o entendimento acerca de cada um desses assuntos. É realizado o resgate do objetivo do trabalho e a justificativa de ele ter sido alcançado.

Ao final, algumas considerações são apontadas com a intenção de melhor direcionar e indicar como esse assunto pode ser tratado. Conjuntamente ao leitor, visa reflexões mais adiante em associação à conduta diária de cada indivíduo, seja ele homem ou mulher.

1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO FEMINISMO

No período da Revolução Francesa, século XVIII, algumas mulheres já se organizavam para lutarem pelo direito à cidadania, ter um lugar ao sol e um reconhecimento que fosse além de serem apenas esposas e mães. Havia a necessidade de ultrapassarem as barreiras da casa (PINTO, 2003).

Mas antes disso, a função que determinadas mulheres exerciam nas comunidades pela qual estavam inseridas eram voltadas para encontros sociais, em especial os religiosos. Todavia determinadas funções poderiam depor, em muitos dos casos, contra elas mesmas: as viúvas, curandeiras, rezadeiras, parteiras ou qualquer uma que conhecesse o segredo das ervas medicinais. Segundo se relata, esses tipos de comportamento despertavam suspeitas e as mulheres eram vistas como bruxas (MENON, 2008).

Contudo, havia participação feminina na vida social e econômica durante a Idade Média para produção de bens materiais e manutenção da ordem doméstica; a mulher era hostilizada e a imagem que prevalecia ainda era associada à fragilidade.

Segundo Auad (2003), em 1807, a primeira Constituição Francesa coloca a mulher em submissão ao pai ou o marido, o que indica que até os mais críticos e preocupados com a justiça social são capazes muitas vezes de atos de violência contra a mulher, além de colocá-las em situações de discriminação.

Desejar um mundo sem divisão de classes sociais não é o suficiente. É fundamental querer também um mundo longe de desigualdades entre gêneros. Sem o fim da desvalorização e inferioridade da mulher não é possível a exterminação da divisão entre ricos e pobres. Porém, nos tempos da Revolução Francesa isso não foi constatado, assim como outros assuntos ainda na atualidade.

No século XIX é consolidado o sistema capitalista, o modo de produzir bens materiais e a sobrevivência na sociedade sofrem grandes alterações. O modo de trabalho se transforma e a organização de trabalho inclui mão de obra feminina.

O desejo de participar mais ativamente da política por meio da votação surgiu entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX que se estendeu na Europa e nos Estados Unidos da América e iniciou grupos de

feminismo com certa organização pelo mundo.

As lutas da mulher por melhores condições de trabalho e pelo sufrágio estavam ligadas ao direito à cidadania e por isso andavam juntas. De acordo com Auad:

Os anos de 1930 a 1940 representaram um período em que as reivindicações das mulheres haviam, mesmo que apenas formalmente, sido atendidas. Elas poderiam votar e ser votadas, ingressar nas instituições escolares e participar do mercado de trabalho. Esse período é marcado pela preparação e explosão de uma nova guerra mundial. Durante essa guerra, valorizou-se muito a participação da mulher no mercado de trabalho. Era necessário liberar mão de obra masculina para as frentes de batalha. (AUAD, 2003, p.47).

Ao final da guerra, a ideia de diferenciação dos papéis pelo gênero e inferioridade à mulher foram reforçados e os meios de comunicação enfatizavam a ideia de que a mulher servia para os deveres domésticos. Isso aconteceu com o intuito de pressionar as mulheres a abrirem mão de seus cargos para os homens que estavam antes em campo de batalha. O trabalho externo da mulher foi desvalorizado mais uma vez (AUAD, 2003).

No final da década de 1960 ocorreu um grande marco histórico do movimento feminista. Um protesto conhecido como a queima dos sutiãs, onde ativistas do grupo *Wolman's Liberation Movement* dos Estados Unidos da América (EUA) desejavam, durante o concurso de *Miss American*, atear fogo em sutiãs, maquiagens e outros objetos que induziam a ditadura da beleza. Porém, a queima não pode ser consumada de fato devido ao local do concurso ter ocorrido em um espaço privado. Entretanto, a atitude dessas mulheres foi impulsionada pela mídia e teve repercussão e influência mundial, simbolizando a abertura da liberdade feminina e despertando a reflexão de gênero.

As décadas de 1960 e 1970 marcam uma presença maciça feminina em manifestações estudantis, movimentos operários, lutas políticas e sociais. Sobretudo, uma expressão pública pela luta do feminismo de forma persistente e organizada que garantiam continuidade às mulheres (GHILARDI-LUCENA, 2003).

Em 1975, a Organização das Nações Unidas - ONU instituiu o dia 8 de março como dia internacional da mulher como reconhecimento tardio de um marco

histórico para o feminismo ocorrido no ano de 1857, quando 129 tecelãs, da Fábrica de Tecido *Cotton*, de Nova Iorque, se mobilizaram em busca de um aumento salarial e menor jornada de trabalho. Os patrões reagiram trancando a fábrica e provocaram um incêndio que resultou na morte das trabalhadoras (CARVALHO; ROCHA, 2003).

Como marca do movimento feminista pelo mundo, deve-se falar da luta da mulher pelo direito de votar. Segundo Auad (2003), esse direito foi alcançado aos poucos pelas mulheres de diversos países, começando no século XIX com a conquista do voto feminino da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na revolução de 1917; seguindo-se das conquistas na Alemanha em 1918; Estados Unidos da América (EUA) em 1919; Inglaterra em 1928; Brasil em 1934; França, Itália e Japão em 1945 e Suíça em 1973. Também importante, de muita ousadia e coragem, foi a fundação da Associação das Mulheres Revolucionárias do Afeganistão em Cabul, 1977, que teve o objetivo de aumentar a participação política feminina em um regime religioso e social que reprime até hoje as mulheres daquela região.

Os movimentos feministas mundiais por direitos políticos de voto, pelos direitos sociais por melhores condições de trabalho e a luta contra a violência se unem uns aos outros trazendo importantes avanços na valorização da mulher, mas ainda está longe de ser o bastante. Apesar das crises econômicas, o surgimento do narcotráfico, da violência e do terrorismo, com sérias ameaças à coesão social, entre o final da década de 1970 e início da de 1980, o feminismo avançou consideravelmente a partir da década de 1990, retomando a luta reivindicativa com base em novas demandas sociais (AUAD, 2003).

Atualmente, a reivindicação central do movimento feminista é a luta pela libertação da mulher. O movimento luta por novos valores, que possam auxiliar e promover a transformação das relações sociais ou da sociedade como um todo; buscando a própria superação dos movimentos sociais emancipatórios, cuja reivindicação central estava baseada na igualdade política, social e econômica. Essa luta feminina está baseada na existência de uma opressão generalizada, com raízes profundas, que atinge mulheres pertencentes a diversas culturas, classes sociais, sistemas econômicos e políticos.

Em setembro de 2012, Roberta Araújo fundou o projeto “Mulheres Nos Quadrinhos”, por meio de redes sociais. A ideia iniciou de maneira despretensiosa,

mas evoluiu de tal modo que nem a própria criadora e fundadora esperava. Em maio de 2016, a página já contava com mais de 119 mil curtidas. Os conteúdos são produzidos para leitores de todas as idades e gêneros. A plataforma disponibiliza informações sobre o universo feminino e possibilita a interação com o público. Além disso, mostra os assuntos retratados nos meios de comunicação que têm influência nas charges e cartuns apresentados.

Desse modo, o movimento feminista contemporâneo atua com base numa perspectiva de superação das relações conflituosas entre os gêneros masculino e feminino, recusando, portanto, o estigma ou noção de "inferioridade" ou desigualdade natural (CANCIAN, 2008).

1.1 A representação do feminismo no Brasil

Praticamente não existia vida urbana no início do século XIX no Brasil, que era um imenso país rural. O estilo de vida dominante na sociedade brasileira era marcado pela aristocracia portuguesa, pelo dia a dia dos fazendeiros e das diferenças sociais definidas pelo sistema escravista. A família patriarcal brasileira morava na casa grande, dominava a senzala e era comandada por um pai que tinha enormes poderes sobre seus dependentes, familiares mais próximos e escravos (PRIORE, 2000).

Nesse período, a sociedade brasileira sofreu transformações importantes como a consolidação do capitalismo; o desenvolvimento de uma vida urbana que oferecia novas oportunidades de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade no meio familiar e doméstico. Segundo Priore (2000), nascia uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, que tinha um lar acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social.

Mais tarde, no final do século XIX e no início do século XX, foi possível identificar o processo de modernização do Rio de Janeiro, reforçado pela emergência da República, com intenção do novo regime político de tornar o brasileiro "civilizado" e mais próximo às características europeias. Juntamente à transformação física da cidade, surgem novas atitudes associadas às situações e pessoas. A mulher brasileira passa a marcar presença em certos acontecimentos da

vida social como cafés, bailes e teatros. Porém, a função das esposas, tias, filhas e serviçais era exclusivamente cuidar da imagem do homem público que, apesar de parecer autônomo, envolvido com questões políticas e econômicas, estava cercado de mulheres que o ajudavam a manter sua posição social (PRIORE, 2000).

Nas origens da sociedade brasileira mulheres de diferentes classes sociais se destacavam em diversos modos de participar dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos. As mulheres brancas, índias e negras se dividiam em diversos níveis sociais, dando apoio e fazendo parte da elite dominante, das maiorias colonizadas, escravizadas e submetidas (AUAD, 2003). Porém, elas não são mencionadas em momentos importantes da história no Brasil.

Seguindo a tendência mundial, o feminismo, organizado como movimento, inicia a luta por direitos políticos na década de 1920, quando se destaca Bhertha Maria Lutz. Ao mesmo tempo em que ingressava na vida científica, iniciava um processo de resgatar a historicidade do movimento feminista, tentando ganhar seu espaço profissional. Foi fundadora da Liga pela Emancipação Feminina, transformada em Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em 1922.

Também atuou como substituta do Deputado Federal Cândido Pessoa de julho de 1936 a novembro de 1937, início da ditadura durante o governo Getúlio Vargas. Dentro desses dois anos, foi uma das quatro mulheres a assinarem a Carta de Fundação da ONU, lutou pela conquista pelo voto feminino, pela educação e profissionalização das mulheres, e participou ativamente da reforma do Código Civil. O movimento liderado por Bhertha Lutz tinha uma ampla rede de relações, em conferências dentro e fora do país. “Um dos princípios básicos que ela propõe é a equiparação dos sexos. Ela utiliza metáforas e termos científicos no seu trabalho político” (SOUZA; SOMBRIO; LOPES, 2005).

Enfim, uma mulher ligada às causas femininas que trouxe muita influência em sua época. A partir desse movimento, houve um grande número de manifestações, em grupo e individuais, onde as mulheres brasileiras batalhavam pelo direito do voto envolvidas nas diferentes frentes de luta por melhores condições de vida para mulheres e homens (AUAD, 2003).

A partir de alguns traços, mal se podia prever durante os anos 60 que a verdadeira militância anunciada pelo feminismo ocorreria. Foi nesse período que os meios de comunicação abriram espaço para denúncias de mulheres brasileiras

sobre sua condição desfavorável. O grande aumento de matrículas femininas na universidade indicava a queda de uma sociedade patriarca extrema. A participação da mulher no mercado de trabalho aumentava, incluindo setores de produção (BAUER, 2001).

Os anos 1970 eram marcados pelo crescimento dos movimentos organizados de mulheres, que cresciam e eram espalhados por todo o país. As teorias de Simone de Beauvoir influenciaram esse período. Seu livro “O Segundo Sexo” representava um salto qualitativo para o feminismo despertando debates nos diferentes espaços políticos e sociais. Em sua obra, Simone de Beauvoir dizia que o homem era sempre o sujeito, absoluto, enquanto a mulher era vista como o outro. Para ela as mulheres não se enxergavam como sujeitos, mas dizia “Ninguém nasce mulher, nos tornamos mulheres” (1949, apud CARVALHO; ROCHA, 2003). Essas e outras frases ou fatores sociais, políticos e históricos contribuem na construção da feminilidade.

Como resultado crescente da participação da mulher, esse período foi marcado por mudanças com relação a temas considerados tabus pela sociedade. De acordo com Silva (2015), a sexualidade, o corpo, o aborto, o fortalecimento dos movimentos feministas e homossexuais, os métodos anticoncepcionais, o divórcio, o trabalho da mulher fora de casa e outras questões femininas se tornaram assunto em foco debatido pelas mulheres através dos meios de comunicação e obras literárias.

A anistia de 1979 contribuiu com a volta das exiladas no início anos 1980, que traziam consigo a influência de um movimento atuante na Europa, principalmente. Além disso, sua experiência de vida no exterior era diferente dos tradicionais padrões patriarcais do Brasil e isso contribuiu no fortalecimento do feminismo na sociedade brasileira (BRAGANÇA, 2010).

Conforme Sarti (1998), o movimento de mulheres no Brasil na década de 1980 foi marcado por uma resistente força política e social. Suas ideias eram expandidas dentro do cenário social do país e as relações de gênero estavam em jogo em seus discursos e a sociedade era modernizada.

Ao deparar com os tipos de organização feministas, o movimento teve direito a segmentos mais específicos que incluíam grupos de diferentes raças, classes sociais, orientações sexuais, cultura, educação, religião e muitos outros

(SCHMIDT, 2000).

Ainda nos anos de 1980, buscou-se a visibilidade sobre questões específicas, fortalecer e aprofundar a visão de subordinação e discriminação devido ao preconceito racial, por exemplo. O número de seminários e encontros destinado às mulheres negras aumentou consideravelmente. Assim como a contestação daquelas com diferente orientação sexual que também sofriam pelo preconceito e violência perante a sociedade brasileira (MELO; SCHUMACHER, 2000).

Outra luta que teve uma mudança substancial foram denúncias contra a violência, realizadas através de notícias publicadas sobre assassinatos de mulheres por seus companheiros. As pequenas notas de jornais e revistas ganharam espaço nas primeiras páginas graças à indignação do movimento feminista (SILVA, 2015).

Com importantes mudanças legislativas, as mulheres na luta pelo feminismo apresentaram aos Poderes Executivo e Legislativo o projeto de lei que resultou na fundação na Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) em 2003. O Órgão Público é mais uma demanda para proporcionar a igualdade entre gêneros e combater as formas de discriminação perante a sociedade patriarcal.

Em 2006, o feminino conquistou um fator de alta relevância e a lei Maria da Penha (11.240/06) foi sancionada. Segundo Bragança:

Até então, entendia-se por violência, apenas as agressões que deixassem marcas visíveis como hematomas ou feridas. Nesta Lei discorre sobre as diversas formas de violência: caráter físico, psicológico, sexual, moral ou patrimonial. É, portanto, uma lei na qual a compreensão da violência refere-se a tudo aquilo que fere a integridade da pessoa. (BRAGANÇA, 2010, p.8).

De acordo com o livreto “Viver sem violência é direito de toda a mulher”, elaborado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM-PR) em 2015, 98% da população brasileira conhece a Lei e 66% diz se sentir mais protegida. Porém se esses direitos forem desrespeitados pelos órgãos públicos, existem outras opções para a vítima direcionar a queixa, como as ouvidorias ou o Ministério Público.

2 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS PARA O FEMINISMO

Com base na obra “Análise de Discurso: princípios e procedimentos” de Eni Orlandi (1999), este tópico apresenta questões sobre a linguagem e reflexões com relação a sua influência na comunicação. Trata-se de saber como os discursos funcionam e como os sujeitos se relacionam com a linguagem no cotidiano, enquanto sujeitos falantes como mãe, pai, amigo, mulher, cidadão, profissionais, professores, leitores e autores.

A Análise de Discurso se preocupa com os fatos da linguagem, com a materialidade e com os processos de produção de sentidos. Considera-se que a melhor maneira de atender à questão é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise. O que se busca é o mapeamento das regularidades do processo de produção discursiva, e não a exaustão temática de um discurso (ORLANDI,1996).

No último século, devido às diferentes posições dos estudiosos perante a linguagem, surgiu a Análise de Discurso, que não trata estritamente da língua ou da gramática, ainda que lhe interessem, mas do discurso que é a prática da linguagem. Trabalha com homens e mulheres falando, com as condições de produção desta fala e linguagem. Provoca o discurso como objeto social e histórico, reflete sobre como a linguagem e a ideologia estão ligadas entre si.

As charges encontradas na plataforma “Mulheres nos Quadrinhos” serão averiguadas segundo Orlandi (2007, apud CRESCÊNCIO, 2012, p.136) “como instrumento metodológico capaz de enriquecer e aperfeiçoar o tratamento dado ao discurso que, nessa disciplina, apresenta-se sempre articulado a sua exterioridade”.

Considerando esse poder da linguagem, como componente de opiniões, as piadas construídas nas charges ou cartuns podem assumir caminhos perigosos, capazes de conter ou estimular a transformação. As integrantes dos movimentos feministas no Brasil conheceram os alcances da zombaria quando o assunto é inferiorizar e desestabilizar as expectativas de gênero.

Nessa convergência, “a Análise de Discurso critica a prática das Ciências Sociais e da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está

materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 1999, p. 16).

A partir dos anos 1960, a Análise de Discurso se consolida através da junção entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A língua não é mais vista como estrutura e sim como acontecimento. O indivíduo passa a ser visto como sujeito influenciado pela história. A Linguagem é assim chamada porque tem um sentido e se inscreve no decorrer da história.

As estratégias discursivas tentam compreender como um objeto simbólico produz sentido, além de depender do sujeito que o produz e o interpreta. Os sentidos não estão apenas nas palavras, mas têm relação direta com o mundo exterior à medida que são produzidos e que não dependem apenas das intenções do sujeito. Por exemplo, ler uma história em quadrinhos na década de 1970 é diferente de ler nos dias atuais e será também distinto se lido no futuro.

2.1 Relação entre sujeito, linguagem e história

Segundo Orlandi (1999), cada análise em discursos singulares podem mobilizar diversos conceitos e categorias, o que resulta profundos efeitos no momento de concluir o trabalho. Pode-se afirmar que as noções básicas de dispositivo teórico são transformadas, de acordo com o objetivo determinado, em um dispositivo analítico. Linguagem, sujeito e história estão interligados.

As condições de produção compreendem os sujeitos e a situação. Conseqüentemente, a memória discursiva é fruto do conhecimento adquirido anteriormente, mesmo que em outro lugar. Em 2011, Zuenir Ventura escreve sobre Ziraldo em “O Pasquim” revelando que o conteúdo, a linguagem, a forma e o conceito do jornalismo impresso foram alterados com irreverência a partir de 1969. Um recurso usado para debochar e satirizar acontecimentos tendenciosos, incluindo o feminismo. Se a ditadura militar tinha invertido os significados patriarcais, morais e civis, Ziraldo poderia fazer o mesmo contra ela.

O humor se fez arma nos meios de comunicação, por meio das charges e cartuns, incorporando o coloquial e a gíria aos traços e contornos de sua revolução. O livro “Só dói quando eu rio” é a própria piada metafórica do estado de espírito na época. A reconstituição dos usos, ideias, maneiras de pensar e dizer, costumes e

cultura torna-se possível por meio da união de palavras e imagens de sua autoria (apud ZIRALDO, 2011, p. 4-5). Logo, as condições de produção estão relacionadas ao contexto social, histórico e ideológico.

Surge então a diferenciação entre interdiscurso e intradiscurso. O interdiscurso representa o que já foi dito e o intradiscurso aponta o que está sendo falado instantaneamente (ORLANDI, 1999). Este modelo da leitura discursiva procura interpretar e distinguir os significados. O que é exposto indica um ponto de onde se quer chegar.

O interdiscurso é afetado pelo esquecimento, que para Pêcheux (1975, apud ORLANDI, 1999), pode ser definido de duas formas. O primeiro tipo de esquecimento é da ordem da enunciação e produz no homem o porquê de usarmos um termo, ou uma palavra à outra, sendo que produzem a mesma realidade do pensamento e se conectam pela linguagem do mundo.

O outro esquecimento está ligado ao modo que o indivíduo é afetado pela ideologia. Enquanto o imaginário pensa estar originando um novo significado, reproduz uma ilusão da fala, ou seja, o pensamento é readquirido através de discursos já construídos. Ele é da esfera do inconsciente (PÊCHEUX, 1975, apud ORLANDI, 1999).

Em contrapartida, dentro do funcionamento da linguagem constroem-se processos parafrásticos e polissêmicos. Parafrástico está relacionado com a estabilização, produzindo diferentes concepções da mesma fala. Por outro lado o polissêmico joga com o equívoco, rompendo e deslocando os processos de significação. O processo de significação da linguagem se determina incompleto, aberto. Tanto pela paráfrase, tanto pela polissemia, quanto pela metáfora. Em outras palavras, paráfrase é a matriz do sentido, e polissemia é a distinção do significado com relação ao contexto. Segundo Orlandi (1999) todo o discurso é incompleto, sem início absoluto nem ponto final definitivo.

2.2 Relação entre sentido e silêncio

Existe significação com a ausência ou presença de palavras. De acordo com Orlandi (2007) é importante pontuar que o silêncio torna a pluralidade do dizer possível, por isso o silêncio está presente na composição de sentido, sujeito e

linguagem. A distinção do silêncio ao implícito segue a linha de raciocínio da polissemia e da paráfrase. Enquanto a noção de silêncio representa a ambiguidade de sentidos, o implícito indica opacidade. O oculto, portanto, ultrapassa os limites do senso comum.

A fim de significar, o sujeito precisa do silêncio fundamentado e da fala presente. Ainda em semelhança com a polissemia da análise de discurso, a partir do momento em que o dizer se torna contínuo, mais o silêncio se instala e maior a possibilidade de sentidos.

Para Orlandi (2007), a relação é particularmente social e histórica entre o não dito e seu poder de dizer. A chamada “política do silêncio” representa efeitos do discurso, quando a origem de “x” na fala conseqüentemente elimina o “y”.

Desse modo, o silêncio local instala e configura. A censura e a opressão andam lado a lado, caracterizadas pela produção do proibido, e bloqueiam determinados sentidos. A identidade do sujeito então é afetada e os processos de reestruturação se desenvolvem para a formação do discurso.

Conforme Orlandi (2007), todo texto é unidade tomada como parte do processo de interlocução, tornando o domínio de cada um dos interlocutores parcial em si. Dito isso, as palavras do sujeito também são de outros e não própria origem. O sujeito não pode ocupar diferentes posições, apenas o local que lhe foi destinado.

Isso permite ao indivíduo questionar-se e apreciar melhor os processos de identificação do sujeito ao participar da região do dizível para produzir sentido. Também na formação discursiva, é inserido ao sujeito o trabalho do silêncio e por isso a barreira é móvel. A historicidade define o pensamento desenvolvido.

Portanto, a escrita como vínculo particular com o silêncio permite o distanciamento pelo responsável da vida cotidiana e suspende os acontecimentos. Assim, permitindo que sua discussão sobre o real e o imaginário signifique em silêncio.

2.3 Métodos de análise

O analista deve saber como interpretar um discurso, uma vez que a linguagem se constrói a partir de um contexto determinante sobre o que pode e deve ser dito. Ao utilizar um “dispositivo de interpretação”, pretende-se colocar a relação

entre a fala, o sujeito, o lugar e o modo da linguagem (ORLANDI, 1999).

A questão da construção do dispositivo de análise, ou a “singularização” do dispositivo teórico feito pelo analista, pretende dar conta de seu objeto de estudo. A partir da questão das transferências, ou “deslizamentos”, presentes nos processos de identificação do sujeito, a autora mostra que o dispositivo analítico elaborado deve evidenciar como se fala a mesma língua, mas, ainda assim, são falas que sustentam diferentes sentidos.

Se a interpretação faz parte do próprio objeto de estudo do analista, é importante evidenciar que o mesmo está envolvido no processo de interpretação. Esse objeto pode ser um enunciado, um texto, um retrato, uma pintura, uma charge, um cartum, uma música, etc. Desse modo, o analista busca não apenas averiguar a verdade dos processos de produção de sentido, mas sim trabalhar no campo da interpretação e da descrição. Isso lhe permite avaliar o processo de produção de sentidos em suas condições.

2.4 Interpretações de discursos e ideologias

Não se pode aprender uma ideologia nem se pode controlar o inconsciente com o saber. Portanto, todo enunciado está inclinado a mais de uma interpretação e, dependendo de quem o interpreta, poderá tornar-se outro. Uma mesma palavra pode ter vários significados, assim como um discurso.

Orlandi (1996) chama a atenção para o fato de um texto não ter uma extensão definida, que pode ser tanto escrito, quanto oral. É um texto porque tem significado. E esse significado não está pronto, acabado. Pode ser interpretado de diferentes formas, segundo cada sujeito que o interpreta. Há conceitos individuais que contribuem para essa interpretação, como a ideologia, a memória discursiva, além de outros fatores.

Desse modo, a autora mostra que não existe linguagem inocente, há sempre algo por trás. De acordo com as teorias apresentadas, inauguram-se novas práticas de leituras. Assim como não há linguagem inocente, não devemos ler inocentemente. E também, que a linguagem é um campo muito vasto, dentro do qual só uma análise discursiva pode explorar.

2.5 Funcionamento da linguagem nas charges e cartuns

As relações entre linguagem e discurso são diferentes, mas existe uma ligação. A separação entre os dois é colocada em toda a prática discursiva e seu laço está entre materiais de base e processo, ou seja, seu funcionamento. A língua, então, surge como condição de possibilidade do discurso.

A mera repetição, do ponto de vista da análise de discurso, já apresenta diferentes significados, por ser introduzido em um processo discursivo. Ao poder noticiar uma sentença duas vezes, há um efeito de sentido que atença um novo olhar entre a primeira e a segunda vez, são acontecimentos distintos (ORLANDI, 1996).

É a perspectiva quem privilegia o uso, já que um texto é assim definido pelo uso da linguagem. A visão através da competência propõe desrespeitar a existência de um fenômeno como tal, por um lado e definir o objetivo da informação, por outro, imobilizando a linguagem além de sua multiplicidade. Então, diferença de registro é constitutiva do sentido, decorrente das condições de uso.

A definição do funcionamento discursivo implica na atividade estruturante de determinações entre discurso, falante, interlocutor e sua finalidade. “Em um discurso, então, não só se representam os interlocutores, mas também a relação que eles mantêm com a formação ideológica” (ORLANDI, 1996, p. 125). No caso do objeto em estudo, são os dizeres sobre o feminino.

Todo esse funcionamento discursivo está vivenciado e determinado pela tipologia. Dessa maneira, essas marcas são definidas pela atividade estruturante, que determina se a relação é autoritária (contida), polêmica (controlada) ou lúdica (aberta). Essa atividade é definida a partir das condições de produção (ORLANDI, 1999).

A tipologia, de um modo geral, pode ser vista contendo ligação de interlocução, ou seja, a interação entre falante e ouvinte, como base no reconhecimento das configurações de características formais que as descreviam. O que as diferenciam é relacionado à definição social enquanto laços simbólicos.

A ideia de recorte remete à noção de polissemia e não à de informação. Os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia (ORLANDI, 1996, p. 140).

3 OS SENTIDOS DO DISCURSO EM CADA CHARGE

Define-se por charge a representação humorística de natureza política à medida que se satiriza aspectos factuais e individuais de natureza dissertativa. Segundo Miani (2005, apud LOPES, 2010), o artista gráfico¹ produz sua charge com base no desempenho da ilustração para defender e expor uma ideia.

Em concordância com Lopes (2010), distinguir a charge do cartum e da caricatura é essencial. Identifica-se a caricatura por meio da representação grotesca da aparência humana, em que alguns traços desses aspectos são exagerados com o simples propósito de “fazer rir”.

Já o cartum se tipifica como uma das expressões da caricatura e pretende causar a risada mediante a crítica humorística, ironizando o comportamento humano. O cartunista avalia os costumes atemporais.

A charge, além dos aspectos evidenciados acima, também pode ser definida como um tipo de cartum que objetiva a crítica de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política e de acontecimento do público, através do humor. A charge, por se prender a um fato ou acontecimento específico, é datada (LOPES, 2010, p. 69).

O objetivo direto ou indireto para pesquisadores de diferentes áreas, tendo as charges ou os cartuns como objetos de estudo que lhe interessam, é o poder de convencimento e mobilização, individualmente ou em grupos de culturas distintas. Os poderes implícitos nos traços gráficos devem ser estudados como função social. Conforme Miani, “a charge se converte, por influência da instituição que a produz e dissemina, num verdadeiro discurso de convencimento” (2005, apud LOPES, 2010, p.70).

O texto imagético também se apresenta como complemento ao contexto comunicativo em que se publica. A charge tem o propósito de atrair o destinatário, por meio da leitura rápida e do humor. Transmitindo várias informações de forma condensada, o chargista carrega em sua composição grande poder de persuasão. Ou seja, ponderam intencionalmente suas opiniões e críticas a personagens e fatos políticos (LOPES, 2010).

¹ Designa o chargista que, mais que um “artista visual”, desenvolve suas charges recheadas de intenções políticas (LOPES, 2010).

Através de textos e imagens a charge descreve seus sentidos de interseções elaboradas como produção intertextual. No caso de Ziraldo em “O Pasquim” ou da personagem protagonizada em “Mulheres nos Quadrinhos”, consideram-se as ilustrações como participantes do contexto comunicativo de todos os veículos nos quais se apresentam. Como é o caso do jornal impresso apresentando sentidos e contextos distintos das relações entre o texto imagético e leitor dos *posts* encontrados nas páginas do *Facebook*.

Segundo Lopes (2010), a escolha do chargista de publicar determinado conteúdo em um jornal impresso ou na internet resulta em consequências reflexivas para o pesquisador. Se a temática fosse expressa apenas por palavras, através de um texto, a repercussão da publicação com o sobre o mesmo assunto seria outra, até mais abrangente. Visto isso, a charge tem maior poder de mobilização e propõe para a sua estrutura o humor como espaço de ação racional, o desenho gráfico como virtualização e a relação entre leitor e charge.

A imagem é a virtualização de primeiro grau, o texto é virtualização de segundo grau. Essa identidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares, posts, compartilhamentos e reproduções. Antecedendo ao texto pelo sistema de personificação, nota-se o desenho gráfico como uma manifestação dos saberes, narrativos e rituais.

Por já carregar significados predefinidos, virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. Para Lévy (1996), a virtualização consiste em potencializar o acontecimento retratado, ou seja, uma transição do atual ao virtual. Não é a transformação da realidade em um mundo de possíveis e sim a promoção de um espaço que confere ao sujeito/leitor de expressar as identidades no feminino.

Considerando que a percepção humana visa à formação da realidade virtual nos meios comunicacionais, cada indivíduo compartilha da mesma charge ou cartum, mas traduz diferentes sentidos em complemento de sua experiência histórica pessoal. Virtualizar qualquer indivíduo consiste em descobrir uma matéria geral, interrogar e redefinir a atualidade de partida como questão particular (LÉVY, 1996, apud LOPES, 2010).

Então, é necessário reforçar que a imprensa se apresenta como um importante poder de contestação diante do humor de Ziraldo, encontrado no

impresso “O Pasquim”, por um lado e proporciona a conscientização da luta feminista no projeto virtual “Mulheres nos Quadrinhos”, por outro.

A charge pretende mostrar, através do humor, aquilo que está oculto, buscando outra perspectiva sobre alguma pessoa ou acontecimento. Ao caricaturar qualquer personagem, “o chargista usa de formas hiperbólicas linhas e faz, sublinhando certos traços físicos do caricaturado, um julgamento de valor” (ROMUALDO, 2000, apud LOPES, 2010 p. 71).

Entretanto, a emoção não ofusca o entendimento e nem delimita a razão. As emoções são atividades corporais que tipificam os domínios de ação em que se movem os indivíduos.

O fator estético do artista gráfico é expresso na ilustração e conseqüentemente, está relacionado ao corpo. As teorias iniciais privilegiavam o objeto de beleza e abandonavam o sujeito que contempla o objeto artístico em segundo plano, mas é importante ressaltar que as perspectivas se transformam.

A experiência do estudo de charges protagonizadas por mulheres não é adquirida por meio da razão, mas da sensibilidade. Morfologicamente, a palavra estética significa aqui que é sensível e deriva dos sentidos. As obras analisadas “se potencializam por estarem diretamente ligadas ao corpo, tanto do chargista como do leitor, através da estética” (LÉVY, 1996, apud LOPES, 2010, p. 72).

A utilização dos discursos cômicos como arma, mantém a inferioridade feminina e possibilita um contato com a luta empreendida na construção dos papéis de gênero, observando-se os avanços e retrocessos do passado. Essa dimensão será observada e desenvolvida nas análises do capítulo quatro.

Nos anos 1960, a desilusão do mundo capitalista, mas com o que se dizia também socialista era a marca contra o controle e a repressão no ocidente. O sonho libertário que se busca, através de uma concepção política, social e cultural. Em suma, a rebelião da contracultura na década almejava uma série de mudanças no plano literário, artístico e comportamental descendente dos anos de 1950 (CARVALHO; ROCHA, 2003).

No Brasil, após uma série de combates ao golpe de 1964, foi fundado “O Pasquim”, jornal com publicações semanais que ridicularizavam o regime (CARVALHO; ROCHA, 2003). Visto isso, comparando ao período que se antecede e garantindo leituras distintas com o decorrer dos períodos, Ziraldo tenta remeter uma espécie de libertação feminina, no sentido de poder se expressar.

Porém, segundo as autoras, comprometendo sua proposta anarquista, o cartunista aqui em análise, assumiu um posicionamento misógino e preconceituoso, com um discurso que não se apresenta linear.

Alguns conteúdos publicados no jornal, marcado por sua irreverência na época, ainda questionavam e estereotipavam o universo feminino. Ou seja, evidenciavam o que correspondia às teorias do modelo patriarcado excludente (CARVALHO; ROCHA, 2003).

Quer dizer, determinados componentes publicavam conteúdos inspirados na contracultura, incluindo Ziraldo, mas afastavam-se do dogmatismo de muitos marxistas – que influenciaram o comportamento e a ideologia humana da modernidade, construindo os movimentos de natureza social, política, cultural e econômica – retrocedendo ao combate do autoritarismo.

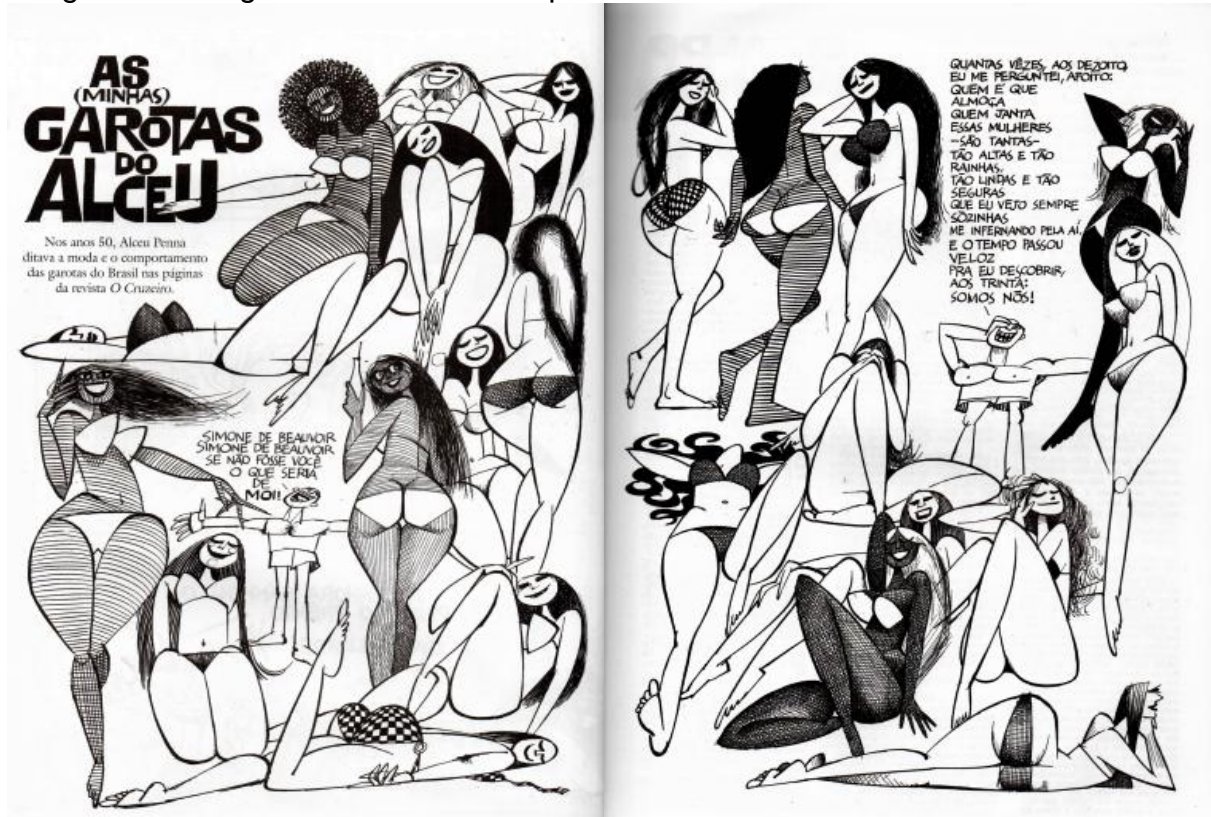
Da mesma maneira que, naquela época existissem indivíduos que vissem além do discurso de zombaria, há atualmente quem veja aquém daquilo explícito na arte gráfica e lute pelo retrocesso dos movimentos feministas e pelas lutas de gênero.

Por outro lado, o projeto que se iniciou através das redes sociais, incluindo o *Facebook* nomeado como “Mulheres nos Quadrinhos”, unem uma diversidade de artistas. Essa variedade de traços e cores, movidos pela modernidade e libertação das causas feministas, combatem também as questões de gênero que vão além dos desejos pela aparência. É a batalha por respeito, paz, solidariedade, empatia, subjetividade, entre outros.

4 ANALISANDO CADA QUADRINHO

4.1 Charges de Ziraldo

Figura 1: Charge sobre moda e comportamento nos anos 50



Fonte: Livro “Só dói quando eu rio” (ZIRALDO, 2011, p. 46-47).

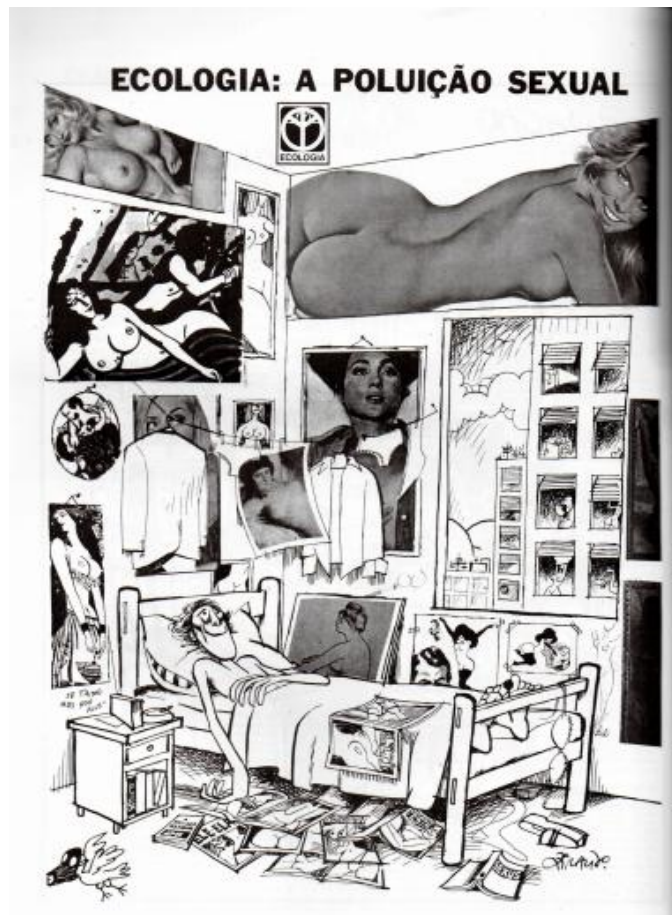
A figura 1 ilustra as mulheres brasileiras vestindo apenas biquínis, inspiradas pela moda ditada por Alceu Penna nos anos 50 como símbolo de libertação, se comparado às roupas de banho que antecedem. Os traços das mulheres são caricaturados para representar o estereótipo de padrão de beleza dos corpos que envolvem o homem.

No primeiro quadro o único personagem masculino diz: “Simone de Beauvoir, Simone de Beauvoir se não fosse você, o que seria de ‘moi’!”, referindo ao mesmo personagem, que aparenta estar em sua adolescência. Na segunda imagem ele diz: “Quantas vezes, aos dezoito, eu me perguntei afoito: Quem é que almoça quem janta essas mulheres – são tantas – tão altas e tão rainhas, tão lindas e tão seguras que eu vejo sempre sozinhas me infernando pela aí. E o tempo passou veloz para eu descobrir, aos trinta: somos nós!”.

O senso comum avalia a mulher por sua aparência, antes de pensar em beleza e talento. Os sentidos, a linguagem e a história levam a mulher a imaginar que o sucesso é fruto do belo padronizado, imposto pelos meios de comunicação. Mesmo quando as mulheres se vestem para expressar a liberdade, o homem procura se apropriar disso como objeto de prazer, julgando-as como propriedade.

Utilizando de ironias sobre trechos das obras de Simone de Beauvoir, Ziraldo indica, através da charge, a cultura de gêneros em que a mulher construirá sua identidade partindo de um referencial masculino. Caracterizadas pelo uso dos discursos polêmico e parafrástico, no caso das duas imagens, o corpo seminu e padronizado é “fetichizado” pelo “adultescente”.

Figura 2: Charge sobre a poluição sexual



Fonte: Livro “Só dói quando eu rio” (ZIRALDO, 2011, p. 108).

Apresentando a interdiscursividade, a charge da figura 2 acontece no quarto do personagem, aparentemente feliz e relaxado, contemplando as imagens de mulheres nuas espalhadas pelo ambiente como se fossem objetos à disposição

do sujeito que imagina ter a liberdade de invadir a privacidade de outras mulheres pela janela do seu quarto sem se preocupar se está sendo ou não observado, como se a situação fosse normal. Trata-se de discurso lúdico apresentando os sentidos mais “democráticos”, uma vez que, nesse caso, o grau de polissemia tende a se reduzir por conta da repetição das imagens e apresenta argumentos que podem ser contestados.

Então, ao notar ilustrações misturadas ao redor da janela, presentes no varal junto à suas roupas, nas revistas em sua cama e no chão dando o sentido de objetos de consumo como influência do capitalismo e de ilusão com valores do mundo capitalista herdados pela modernidade “liberal” dos países europeus e americanos que indicam a intertextualidade.

As mulheres espalhadas por todo o cômodo ao imaginário do “consumidor” estão na posição de “produtos” que podem ser reciclados ou descartados, de acordo com a necessidade de saciar o vício do homem. Ou seja, a imagem da mulher mais uma vez é apenas estética.

Figura 3: Charge com recorte de biquíni para moda de verão

GUIGUYLANOUSE LANÇA A MODA PARA ESTE VERÃO

1 SOUTIEN
O soutien — quem informa é Guiguy — é ad libitum. Foi inspirado no Samba de Partido Alto, uma coisa tão cariosa! Uma homenagem aos nossos mortos. Afinal, o simbolismo é sério: o soutien fica no alto, não é? Muito bem: ad libitum — para os cães que latem, enquanto a cartolina passa — quer dizer: mais ou menos, não é? — quer dizer: a seu gosto, à vontade, como você quiser, não é isso? Pois bem: a cartolina e o soutien que melhor lhe proteger. Para mim o soutien é apenas uma peça de proteção!

2 A PARTE DA FRENTE
A parte da frente não deve ter nenhum artifício. Deve ser sempre igual. Assim:

Aqui está: UM PRESENTE DO PASQUIM. Recorte e use!
(Atenção: aconselhamos novas leitoras a não entrar na água com esse maui. Ou melhor: aconselhamos, sim!)

"A cliente, se quiser, pode bordar um mangueira, escrever uma frase, fazer uma aplicação, plantar uma flor. Mas, por favor, não se esqueça de usar."

3 A PARTE DAS COSTAS
Escolha seu modelo predileto na página ao lado.

IVA O ERÃO

HELP!

Fonte: Livro “Só dói quando eu rio” (ZIRALDO, 2011, p. 154-155).

O fator estético do artista gráfico é conseqüentemente expresso na charge e relacionado ao corpo. As teorias de Ziraldo nas charges não somente privilegiam a beleza padronizada pelo homem como abandonam o sujeito pelas características que fazem parte da identidade da mulher e vão além da aparência. Como talento, poder e inteligência, por exemplo.

Dito isso, é possível perceber que a ideologia da moda como forma de expressão feminina pode se tornar opressora e motivo de zombaria quando aliada à crueldade do indivíduo misógino com as possibilidades da indústria da beleza. Querer sentir-se bem com as roupas escolhidas deveria ser natural, mas o preconceito torna essa questão mais complicada, considerando a infinidade de regras impostas pela sociedade e pela mídia como jornais, revistas, televisão e internet.

É importante observar que as propostas do feminismo vão além da criação de alternativas que valorizem não somente a beleza e os corpos, mas a identidade de cada ser independente de gênero.

Na figura 3, o artista gráfico trabalha com trocadilhos e sentidos ambíguos, ao começar pelo “presente” que ele dedica às leitoras. Um recorte de papel no formato de um triângulo invertido que remete ao formato do órgão sexual feminino.

O “modelo” de biquíni desenhado por Ziraldo ainda vem com instruções de uso, que evidencia o controle que o homem deseja exercer sobre a mulher e o pensamento ultrapassado de que a mulher se veste apenas para evidenciar seu corpo e chamar a atenção do homem. Sendo que as mulheres demonstram repetidas vezes que suas qualidades vão além da aparência e sexualidade.

Figura 4: Charge sobre o piche das mulheres



Fonte: Livro “Só dói quando eu rio” (ZIRALDO, 2011, p. 322).

Esta charge (Figura 4) tem discurso lúdico, criativo, mas a ênfase em um sentido unidirecional conseguida pela quase justaposição entre texto e desenho torna-o autoritário, machista e com alto grau de ironia. Da forma em que a mensagem está expressa, o receptor não tem possibilidade de modificar o já dito.

Para melhor exemplificar, segue o que Ziraldo fala a respeito da charge:

Assim, no meu desenho, o que se vê é uma mulher estereotipadamente intelectual (o estereótipo é muito importante na comunicação veloz da caricatura), ‘sprayando’ o muro com uma reivindicação feminista. Ao seu lado, outra mulher – essa, o tipo exato do objeto sexual assumido (vejam o shortinho jeans que só mostra a popa da moça porque ela decidiu mostrar esta parte do seu corpo para o mundo, sem qualquer necessidade que não seja a de exibir-se) – refazendo a frase. Aí, na frase refeita, entra a criação humorística. Mas não é o chargista dizendo esta frase. É a personagem” (ZIRALDO, 2011, p. 322).

A ilustração foi publicada primeiramente em “O Pasquim” e outra vez no Jornal do Brasil, por conta das manifestações de grupos de ação feminista fizeram no Rio de Janeiro na parede próxima à casa do autor naquela época.

Ainda aponta as feministas como inteligentes e, em geral, muito bem informadas, mas rebate novamente com os tabus de que são carentes e neuróticas, não sabendo identificar o humor de uma mensagem. Portanto, o uso da

ridicularização ocorre mais uma vez, trabalhada por pensamentos pessoais discriminatórios, tanto da primeira quanto da segunda mulher. Ou seja, eliminando os julgamentos de aparência, as duas têm o mesmo direito de serem feministas e identificarem seus inimigos.

Figura 5: Charge sobre árvore e pipa pau



Fonte: Livro “Só dói quando eu rio” (ZIRALDO, 2011, p. 323).

Para ilustrar a semana da árvore, Ziraldo opta por ilustrar um pica pau na charge da figura 5, abrindo cavidades na árvore e esculpando o corpo feminino, mais uma vez evidenciando o “ideal de beleza” imposto por grande parte da sociedade através dos diferentes meios midiáticos. Entre parênteses o escrito: “a favor da cruzada anti-erótica”. No outro canto inferior, há um rato fazendo sinal positivo com uma mão e segurando um rádio com a outra, de onde sai um balão indicando a seguinte fala “o pica pau é o passarinho mais erótico que existe, você sabia?”.

A ilustração com o título “Pasquim e a semana da árvore” é um caso de charge especial que pretendeu homenagear simbolicamente o dia árvore. Logo,

evolui para temas como ecologia e erotismo voltados na época. Visto que o golpe civil de 1964 atingiu o cinema brasileiro, existia a presença da censura ao falar sobre determinados assuntos.

Ainda assim, o erotismo e o corpo feminino padronizado para fantasia prazer masculino eram estampados nas telas de cinema, objetificando a figura feminina dentro e fora do país, o que influenciava em comportamentos de alguns indivíduos, mesmo que em diferentes áreas.

A árvore está esculpida apenas com o tronco da mulher, com seios passando aquele pensamento clichê de que o corpo da mulher deve seguir um mesmo padrão e que esses são os únicos atributos procurados por um homem dentre todas as características femininas internas e externas que formam a identidade de cada mulher de acordo com o seu livre arbítrio.

São os gestos e contornos da ilustração que identificam o silêncio da composição, autoritária e polêmica, com sentidos parafrástico que indicam o interdiscurso, trazendo o esquecimento que entra em retrocesso com o pensamento de que a mulher é objeto.

A condição de produção no discurso se mostra autoritária por possuir um certo grau de persuasão e apresentar argumentos que permitem contestação.

4.2 Charge de Renato Lima (Pockets Comix)

Figura 6: Cartum sobre inversões de papéis



Fonte: Facebook

Renato Lima é um artista gráfico que defende às causas feministas através de quadrinhos de “*Pockets Comix*” e constrói poesias e crônicas, protagonizando as mulheres e as sutilezas do cotidiano das pessoas do âmbito feminino.

O discurso implícito na charge evidencia a tipologia de linguagem autoritária, ou seja, contida. As mulheres da história são reprimidas pelos padrões impostos pela sociedade enquanto o homem não somente tem a liberdade de expor suas escolhas como aparenta fazer questão de demonstrar sua posição machista.

Além disso, o presente discurso de linguagem mostra a chamada “política do silêncio” quando a liberdade do homem de falar suas preferências acaba calando e inferiorizando a posição das mulheres a sua volta.

As três primeiras situações da figura 6 indicam situações distintas, mas elas também estão intrínsecas ao personagem retratado ao final. Ou seja, a linguagem, a história e os sentidos conversam entre si.

Estas funções dos quatro personagens, as que se calam e o que se expressa sem medo, caracterizam a presença de um discurso autoritário na charge.

4.3 Cartum de Carol Rosseti

Figura 7: Cartum com mudança de cores



Fonte: Facebook

Algumas ilustrações de Carol Rosseti fazem parte das publicações da página “Mulheres nos Quadrinhos” dentro da plataforma online e também direciona suas charges para todos os gêneros e idades, com o intuito de despertar reflexões e quebrar tabus inseridos em uma sociedade excludente.

Um dos pontos que costumam definir as questões de gênero são as cores, o rosa para menina e o azul para o menino, por exemplo. Através de divertidas charges compostas por crianças existe a sensação de liberdade para escolher e indicam a presença de um discurso lúdico e polissêmico.

Os quatro quadrinhos que compõem esta charge, em especial, apresentam diferentes cores que representam o não dito, além da quebra de opiniões já formadas, construindo um intradiscurso. As duas crianças de rosa nos quadrinhos e a Lila manuseando um balde de tinta azul, o que desperta a curiosidade de sua amiga, que diz: “Lila, o que você está fazendo?”. Lila responde no segundo balão: “Tia Júnia disse que se queremos mudar o mundo, é preciso começar por nós mesmos”, e então pinta o seu vestido com a tinta azul. No último quadrinho surgem as falas “tem tinta verde?” e “segunda prateleira”. Contudo, existe

uma mensagem implícita na inocência na fala das duas meninas situadas dentro dos balões e na alteração das cores compostas pelo cenário de cada quadrinho.

4.4 Cartum de Leticia Pusti (Another Art Book)

Figura 8: Cartum Cabelo Ideal no Espelho



Fonte: Facebook

Novamente, o senso comum tenta avaliar a mulher por seus padrões estéticos, assim como é possível chamar a atenção dos leitores através do texto imagético encontrado na Figura 8. As charges possuem o poder de expor opiniões sobre diferentes temáticas. No caso, a ilustração de Leticia Pusti, revela variadas formas e estilos incentivando o livre arbítrio da figura feminina para escolher o penteado que reflita a identidade através da escolha. Portanto, o discurso é lúdico.

A linguagem do cartum leva o sujeito receptor buscar uma vida mais liberta e feliz, na medida em que tem liberdade para externar suas escolhas e preferências na maneira de se vestir ou de usar um penteado de seu gosto exclusivo. O feminismo pondera as suas escolhas na formação da personalidade e luta para que a autoestima alcance novos sentidos.

4.5 Charge de Laura Athayde (Boobie Trap)

Figura 9: Charge sobre transsexualidade



Fonte: Facebook

Algumas charges, como é o caso da figura 9, são referentes à questão da identidade de cada ser humano que lida com características de sexualidade, gênero, valores e crenças. A charge de Laura Athayde incentiva o ser humano a assumir seus comportamentos de acordo com as metas que cada grupo ou indivíduo almeja alcançar.

A abordagem desta ilustração pode ser complicada para alguns setores e apresenta discurso polêmico relação de polissemia, por trabalhar com certos temas públicos sociais com quebra de padrões tradicionais da sociedade. Porém, eles devem ser retratados e discutidos para não cair no esquecimento nem se tornar oculto nos diferentes meios de comunicação e até na conversa entre amigos.

4.6 Cartum de Laura Athayde (Mandíbula)

Figura 10: Cartum sobre cantadas



Fonte: Facebook

A mulher é mais uma vez avaliada por sua aparência e não por suas qualidades como inteligência e simpatia, por exemplo. Os quadrinhos da Figura 10 mostram atitude de depreciar a mulher comparando-a como um pedaço de carne para saciar o instinto humano primitivo da fome. A mulher se sente desrespeitada ao invés de elogiada, diminuída ao invés de exaltada e isso interfere na sua autoestima de forma negativa. Trata-se de discurso com linguagem do tipo polêmica e o interdiscurso se faz presente.

Os quadrinhos de Laura Athayde são produzidos desde 2013, influenciada pelos gibis infantis desde quando era criança, mas não via a ilustração em quadrinhos como profissão na época. Além de não ter sido muito incentivada a perseguir isso como uma carreira. Por isso largou o desenho por um tempo, fez faculdade e pós graduação em direito até voltar a ter contato com o quadrinho. E só voltou a fazer o quadrinho com mais seriedade no fim de 2013, quando teve contato com páginas de quadrinista brasileiro e esse meio de arte e comunicação teve um boom na época. Assim se iniciaram os projetos e patrocínios a fim de apoiar a arte gráfica com mais seriedade.

No primeiro grande evento em que foi uma das cartunistas, ela sentiu que não foi levada muito a sério com os seus quadrinhos, rolaram cantadas, mas também tiveram elogios. Existe ainda um lance que se torna bastante nítido em premiações e nos

eventos voltados para os quadrinhos, que é a falta de nomeações femininas, assim como a crítica especializada e isso é um dos fatores que ainda excluem as mulheres em alguns setores de trabalho. Visto que justamente por conta das iniciativas de apoio mútuo e artistas mulheres, é perceptível que essa exclusão não ocorre pela falta de divulgação nem qualidade e sim a falta de visibilidade e moral por parte de artistas e críticos desse ambiente de trabalho.

O encanto de Athayde pela arte visual e escrita desde sua infância resultou na descoberta da charge como ferramenta artística capaz de abrigar uma variedade de temas. Como na figura 10, por exemplo, que mostram reações de homens que vão além da imagem de super-herói, que, pelo contrário, causam sensações de desconforto indignação da mulher revelando até mesmo o íntimo da figura feminina.

4.7 Charge de Ana Terra (Extraterrestre)

Figura 11: Charge crítica sobre violência



Fonte: Facebook

Em março de 2016, foi assassinada Louise Ribeiro, jovem estudante de biologia da Universidade de Brasília (UnB) por outro aluno da instituição após ser dopada. O motivo da morte, de acordo com o acusado, foi o fato da vítima não aceitar o relacionamento com ele. O aluno confessou o crime com frieza e estranha tranquilidade.

Casos similares ao reportado na charge de Ana Terra acontecem frequentemente, dentro e fora do Brasil. Quando o homem idealiza a mulher como objeto de sua propriedade e não aceita que a pessoa tenha a própria voz a vítima está sujeita a esse tipo de violência e, depois de tudo, ainda pode ser considerada culpada pelos atos do parceiro, do amigo, ou até mesmo do familiar.

A charge tem caráter crítico e polêmico, com sentidos e intensões colocadas. A relação entre sujeito e história indica o intradiscurso que aponta uma fala recente que ainda faz parte da memória de quem participou e leu sobre os sentidos do discurso em questão.

A figura feminina deixa de fazer ou dizer algo muitas vezes por temer as consequências de seus atos. Embora a culpa não seja da vítima e sim do abusador, as mulheres são ensinadas culturalmente a serem subordinadas, aos homens que as cercam. Sejam eles, pais, amigos companheiros, colegas e outros.

Portanto, ao ver notícias como a da figura 11, a mulher teme ser julgada ou inferiorizada, podendo resultar em riscos muito maiores pelos quais estão sujeitas diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é repleta de significados representados por diferentes conjuntos de falas que concorrem para compor um discurso qualquer. Inevitavelmente, os sujeitos se relacionam na comunicação, sendo que a união dos sentidos do dizer não depende apenas do sujeito que transmite, nem somente daquele que recebe uma mensagem. Tanto o sentimento interior dos sujeitos, quanto as influências externas podem transformar os sentidos de um determinado texto, imagem, figura ou fala. A linguagem admite interpretações diferentes de acordo com o tempo, a história, o lugar, a ideologia e os envolvidos na comunicação.

Nessa relação, a interação entre indivíduos é essencial para que novas oportunidades de comunicação possam surgir e para que a mensagem continue sendo levada em discursos futuros de forma mais saudável, respeitando a individualidade de cada ser humano. Geralmente o sujeito é influenciado pelo comportamento de outros indivíduos e se espelha, quando é de seu interesse. Ou seja, a conduta de uma pessoa pode servir de estímulo para as ações daqueles que o cercam, seja ele bom ou mal.

A política do silêncio também se torna presente em todas as formas do discurso, ou seja, quando o não dito também significa. Dessa forma, cabe ao leitor estar atento também aos significados que se encontram implícitos nos diferentes conteúdos e publicações.

Diante do crescimento da tecnologia e das relações comunicacionais, novos recursos para a comunicação aparecem. Essa multiplicação da ciência com o surgimento dos computadores, internet, telefone celular e aplicativos abrem espaços ainda não acessados, por conseguir abranger diversos públicos, de ambos os sexos, e das mais variadas formas de pensar.

O objetivo geral deste trabalho é o estudo de como são usados os espaços na mídia, em especial algumas charges machistas do jornal “O Pasquim” e as ilustrações dos artistas gráficos feministas do projeto “Mulheres nos Quadrinhos”, encontradas na plataforma online, utilizando o método de análise de discurso para melhor interpretar os sentidos e ideologias subentendidas nas mensagens desses artistas.

Observou-se, ao acompanhar as charges de Ziraldo em “O Pasquim” e as ilustrações gráficas de Renato Lima, Carol Rosseti, Leticia Putsi, Laura Athayde e

Ana Terra em “Mulheres nos Quadrinhos”, o predomínio do discurso parafrástico nas ilustrações de Ziraldo. Já nas charges e cartuns dos artistas feministas predominou o discurso polêmico. Porém, o discurso parafrástico também está presente em alguns aspectos destas últimas ilustrações.

O trabalho de análise de discurso permitiu o aprofundamento no conhecimento a respeito das manifestações humanas. É válido perceber que o homem tem a necessidade constante de se expressar e se impor de alguma maneira diante da sociedade em que convive. Juntamente com a evolução e modernização dos recursos tecnológicos e de comunicação, o homem também cresceu junto com o mundo e novas maneiras de se expressar foram criadas, sendo a imprensa e a mídia importantes instrumentos de contestação das diferenças ideológicas; combate às formas de discriminação e conscientização na luta pela igualdade entre gêneros, raças, tribos e nações.

O modo crítico de enxergar as diversas formas de linguagem é bastante significativo nessa luta pela igualdade e contra a violência, pois apesar da evolução do feminismo no Brasil e no mundo ainda falta muito a conquistar. As notícias recentes mostram que os esforços devem ser contínuos e perseverantes. Prova disso é que questões críticas como abuso sexual e moral, violência nos lares e discriminação ocorrem com frequência nos grandes centros e podem ser ainda mais graves nas regiões remotas e de difícil acesso, onde a educação é precária e falta informação, como por exemplo, nas áreas rurais pobres e no agreste do país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Roberta de Souza. *Mulheres nos Quadrinhos – Volume I e II*. Nova Iguaçu: Produzido com recursos obtidos por financiamento coletivo através do site Catarse, 2014

ARAÚJO, Roberta. *Mulheres nos Quadrinhos: Comunidade*. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/MulheresNosQuadrinhos>> Acesso em: 10 jun. 2016.

ATHAYDE, Laura. *Boobie Trap: Artista*. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/ltdathayde>> Acesso em: 10 jun. 2016.

ATHAYDE, Laura; RINALDI, Renata; et. al. *Mandíbula: Artista*. Disponível em
<<https://www.facebook.com/mandibulaquadrinhos>> Acesso em: 10 jun. 2016.

AUAD, Daniela. *Feminismo: Que história é essa?* Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003

BAUER, Carlos. *Breve História da Mulher no Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora Xama, 2001

BRAGANÇA, Cláudia Pedro. *As Conquistas do Movimento Feminista como Expressão do Protagonismo das Mulheres*. Universidade Estadual de Londrina. I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, 2010

CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristiane Maria Famer. *Produzindo Gênero*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003

CATARSE. *Mulheres nos Quadrinhos: O Livro*. Disponível em:
<<https://www.catarse.me/pt/mulheresnosquadrinhos>> Acesso em: 10 jun. 2016.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. *Nos Caminhos do Riso: Possibilidades Metodológicas para a Análise de Charges Publicadas Durante a Segunda Onda dos Feminismos no Brasil*. Rio Grande: Historiae, 2012

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. Memórias do Riso: as marcas do riso nas narrativas de mulheres feministas. Natal: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013

GHILARDI LUCENA, Maria Inês. Representações do Feminino. São Paulo: Editora Átomo, 2003

GONÇALVES, Andréa Lisly. História & Gênero. São Paulo: Editora Autêntica, 2006

LEVATTI, Giovanna Eleutério. Um Breve Olhar Acerca do Movimento Feminista. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2011

LIMA, Renato. *Pockets Comics*: Entreterimento. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Pocketscomics>> Acesso em: 10 jun. 2016.

LIMA, Renato. *Pockets*: Histórias de Bolso. Disponível em: <<http://petisco2.org/pockets>>
Acesso em: 10 jun. 2016.

LOPES, Marcelo Silvio. Um Olhar Transdisciplinar Sobre a Arte das Charges e seu Grande Poder Mobilizador. Londrina: Universidade Norte do Paraná, 2010

MAGGIONI, Fabiano. A Charge Jornalística: Estratégias de imagem em Enunciações de Humor Icônico. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011

MENON, Maurício Cesar. Da Bruxa na Literatura Brasileira do Século XIX. São Paulo: USP - XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008

NASCIMENTO, Jéssica ; BASTOS, Alexandre; et.al. *Aluna foi morta em laboratório da UnB após ser dopada com clorofórmio*, 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/03/aluna-foi-morta-em-laboratorio-da-unb-por-afogamento-em-cloroformio.html>> Acesso em: 10 jun. 2016.

ORLANDI, Eni P. A Linguagem e seu Funcionamento, As Formas do Discurso. Campinas: Editora Pontes, 1996

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos*. Campinas: Editora Pontes, 1999

ORLANDI, Eni P. *As Formas do Silêncio, no Movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007

PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu, 2003

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2000

PUTSI, Letícia. *Another Art Book: Artista*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/anotherartbook>> Acesso em: 10 jun. 2016.

PUTSI, Letícia. *LER: Desenhos e frustrações de uma wannabe quadrinista*. Disponível em: <<http://lerpusti.com>> Acesso em: 10 jun. 2016.

ROSSETTI, Carol. *Mulheres: Retratos de Respeito, Amor-próprio, Direitos e Dignidade*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2015

ROSSETTI, Carol. *Carol Rossetti: Comunidade*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carolrossettidesign>> Acesso em: 10 jun. 2016.

ROSSETTI, Carol. *Carol Rossetti*. Disponível em: <<http://www.carolrossetti.com.br>> Acesso em: 10 jun. 2016.

SANTOS, Sollange Alves Ribeiro e SIQUEIRA, Marcelo Rodrigues. *A Trajetória Política de Bertha Luz e Nathércia Silveira no Brasil (1922-1931)*. Ouro Preto: Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha, 2013

SCHMIDT, Simone Pereira. *Os Caminhos do Feminismo no Brasil dos Anos 70 aos Anos 90*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000

SOIHET, Raquel. Preconceitos nas Charges de O Pasquim: Mulheres e a Luta Pelo Corpo. Uberlândia: Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2008

SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira e LOPES Maria Margaret. Bertha Lutz – uma trajetória feminista e científica. Londrina: ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, 2005

SPM, Secretaria de Política para as Mulheres. *Viver sem violência é direito de toda a mulher: Entenda a Lei Maria da Penha*. Disponível em < <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/livreto-maria-da-penha-2-web-1.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2016

TERRA, Ana . *Extraterreste*: Artista. Disponível em <<https://www.facebook.com/extr4terrestre>> Acesso em: 10 jun. 2016.

TERRA, Ana. *Ana Terra Fensterseifer*: Contato. Disponível em: <<http://anatertra.myportfolio.com/contato>> Acesso em: 10 jun. 2016.

VENTURA, Zuenir. Apresentação. In: ZIRALDO. Ziraldo n'O Pasquim Só dói quando eu rio – Treze anos daqueles tempos contados pelo humor de Ziraldo. São Paulo: Editora Globo, 2011. Páginas 4-5

ZIRALDO. Ziraldo n'O Pasquim Só dói quando eu rio – Treze anos daqueles tempos contados pelo humor de Ziraldo. São Paulo: Editora Globo, 2011